



REXE. Revista de Estudios y Experiencias en
Educación
ISSN: 0717-6945
ISSN: 0718-5162
rexe@ucsc.cl
Universidad Católica de la Santísima Concepción
Chile

Depois do holocausto: encontros e diálogos entre o thrash metal e as perspectivas ecologistas em educação

Barchi, Rodrigo

Depois do holocausto: encontros e diálogos entre o thrash metal e as perspectivas ecologistas em educação
REXE. Revista de Estudios y Experiencias en Educación, vol. 17, núm. 33, 2018

Universidad Católica de la Santísima Concepción, Chile

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243155021008>

DOI: <https://doi.org/10.21703/rexe.20181733rbarchi9>

Depois do holocausto: encontros e diálogos entre o thrash metal e as perspectivas ecologistas em educação

Rodrigo Barchi rodrigo.barchi@prof.uniso.br
Universidade de Sorocaba, Brasil

Resumo: Este ensaio busca promover e construir uma série de encontros e convergências entre as perspectivas ecologistas de educação e os discursos sobre as hecatombes ambientais e o fim do mundo, presentes nas letras e capas das bandas de thrash metal, especialmente o conjunto estadunidense Nuclear Assault. Os aspectos libertários, nômades e dialógicos das perspectivas ecologistas em educação, cujo escopo teórico é fortalecido, principalmente, pelas contribuições do pensamento de Felix Guattari, Paulo Freire e Marcos Reigota, são desenvolvidos na primeira parte do texto, e possibilitam desvelar as potencialidades educativas e transformativas dos discursos ecológicos e catastrofistas das bandas de thrash metal, que são apresentados e discutidos na segunda parte.

Palavras-chave: Educação, Meio Ambiente, Educação Ambiental, Thrash Metal.

Abstract: This essay promotes and makes up several gatherings and convergence between ecological perspectives in education and speeches about environmental hecatomb and the end of the world evident in the lyrics of the songs and covers of thrash metal bands, especially the group from the US Nuclear Assault. The libertarian, nomad aspects and the ecological perspectives in education whose theoretical scope is strengthened by Felix Guattari, Paulo Freire and Marcos Reigota's thoughts that are developed in the first part of the text and enable to reveal the educational strengths and the changes in the ecological and catastrophic speeches in the thrash metal bands that are presented and discussed in the second part.

Keywords: Education, Environment, Environmental Education, Thrash Metal.

Resumen: En este ensayo se busca promover y construir una serie de encuentros y convergencias entre las perspectivas ecologistas de la educación y los discursos sobre las hecatombes ambientales y el fin del mundo presente en las letras y portadas de las bandas de thrash metal, en particular el grupo estadounidense Nuclear Assault. Los aspectos libertarios, nómadas y dialógicos de las perspectivas ecologistas en educación, cuyo ámbito teórico se ve reforzado principalmente con aportaciones del pensamiento de Felix Guattari, Paulo Freire y Marcos Reigota, se desarrollan en la primera parte del texto, y permiten dar a conocer las potencialidades educativas y transformativas de los discursos ecológicos y catastróficos de las bandas de thrash metal, que son presentadas y discutidas en la segunda parte.

Palabras clave: Educación, Medio Ambiente, Educación Ambiental, Thrash Metal.

1. IDENTIDADE, DIFERENÇA, MONSTRUOSIDADE

*Now the final curtains fall
On the world that you have planned
Most of those who have survived
Will die by their own hand
And now the world lies deathly still*

*Ruled by thise insane
One can only wander now
If they'll make the same mistake
(Nuclear Assault – After the Holocaust)
Na expressão da indignação,
nossa própria existência se rebela
(Michael Hardt e Antonio Negri)
“Nossa alegria não tira nossa seriedade”
Paulo Roberto Sposito, o palhaço Magnólio
(in memorian)*

Na última parte da obra “Bem-Estar Comum”, Michael Hardt e Antonio Negri afirmam que existe uma distinção terminológica, que é ao mesmo tempo conceitual e política, simultaneamente muito tênue e díspar, entre os conceitos de emancipação e libertação (Hardt e Negri, 2016, p. 362). As lutas emancipatórias, de acordo com esses dois pensadores, são lutas pelas liberdades identitárias, as quais buscam o reconhecimento, no cerne de uma sociedade, do direito à existência da especificidade de um grupo social, que até então não tinha seus modos de vida respeitados e sua liberdade garantida tanto quanto os outros indivíduos e grupos de um mesmo território. No entanto, para Hardt e Negri, as lutas emancipatórias, identitárias, por mais radicais e rebeldes que sejam ou tenham sido, podem ser muito bem acomodadas e acopladas às estruturas do poder constituído, ou, pensando em uma perspectiva foucaultiana, podem ser assimilada ao exercício da governamentalidade. As lutas emancipatórias identitárias estão mais preocupadas com sua aceitação no interior de uma comunidade, do que necessariamente uma transformação radical nas sociedades contemporâneas.

As diversas identidades, de gênero, classe ou raça, entre outras, durante os processos de insubordinação e rebelião, acabam por se tornar o que Hardt e Negri chamam de propriedade (Hardt e Negri, 2016, p.361), seja de um grupo, de uma pessoa, de uma empresa ou de um discurso nacionalista. Isso ocorre pelo fato da identidade sempre estar associada a exercícios de reconhecimento do que já existe, ao invés de sugerir novos modos de existência e relações humanas. Pensando com Deleuze e Guattari (1995), mais decalque que necessariamente cartografia.

Esses exercícios de reconhecimento repetem as práticas de dominação que acabam por beneficiar os mesmos agentes hegemônicos, ao utilizarem algumas ferramentas e dispositivos que vão escolher e identificar o que pode ou não pertencer ao grupo que busca reconhecimento. Quando Hardt e Negri utilizam o exemplo da luta de classe no pensamento de Marx, sugerem que os proletários, ao tomarem o poder de Estado, correm o risco de fixar um determinado conceito de identidade na figura do proletário, não conseguindo dar sequência as necessárias transformações sociais.

Ao se associarem aos nacionalismos já existentes, as possibilidades de mudança tornam-se ainda mais distantes, pelo fato do próprio nacionalismo ter se constituído como uma formação disciplinar, impondo regras de comportamento, conduta e obediência ao que foi

institucionalizado como a identidade nacional (Hardt e Negri, 2016, p. 362).

Por sua vez, as lutas pela libertação – que por uma questão terminológica e conceitual, chamarei de libertárias – são consideradas pelos autores como reivindicações por uma liberdade de potencializar aquilo que podemos nos tornar, ou seja, conjuntos de luta por autonomia, fluidez e nomadismo do caráter revolucionário, as quais, apesar de quase sempre ter tido início em processos identitários, buscam fugir e se desvincular desses para manter vivo o potencial criativo dos modos de existência.

Nas lutas de classe, por exemplo, Hardt e Negri sugerem que os trabalhadores, ao manter sua identidade como tais, poderão apenas obter reconhecimento dos agentes dominantes e melhorias para a classe, e não construir outras possibilidades de relações sociais, políticas, econômicas e culturais:

A política de classe revolucionária precisa destruir as estruturas e instituições da subordinação dos trabalhadores e, portanto, abolir a identidade do próprio trabalhador, pondo em movimento a produção de subjetividade e um processo de inovação social e institucional. uma política de classe revolucionária tampouco objetiva a tomada do poder pelos trabalhadores como nova classe dominante, dando assim continuidade à longa tradição de substituições sucessivas das diferentes classes sociais no controle do poder. Tampouco pode ter êxito na criação da igualdade social mediante a universalização de uma das identidades de classe existentes, tornando todo mundo burguês ou proletário. Cada um desses projetos não revolucionários deixa intacta a identidade do trabalhador, ao passo que um processo revolucionário deve aboli-la. (Hardt e Negri, 2016, p. 364).

O alerta que os autores fazem, sendo um cuidado que tomam em toda a discussão sobre as diferenças entre perspectivas emancipatórias e perspectivas libertárias, é o fato no qual muitas vezes o abandono da identidade pode comprometer o combate à opressão e exclusão social. No entanto, não se trata de uma abolição ao conceito de identidade nos processos de libertação que eles sugerem na transformação política e social, mas uma possibilidade de expansão e proliferação de diferenças que estejam além das identidades raciais, sociais, trabalhistas, de gênero.

A implosão da identidade proposta por Hardt e Negri não é uma negação das distinções promovidas pelas reivindicações identitárias, mas um passo adiante para que essas identidades construam caminhos rumo às singularizações nômades, que impeçam qualquer espécie de cristalização e sedentarização do pensamento e das lutas políticas e sociais. Mais do que unificar as lutas, e deixar as suas especificidades ao segundo plano, em nome de uma unívoca causa, a proposta é justamente rachar os universais e trazer à tona a multiplicidade das lutas que insistem em resistir ao projeto uniformizador do capitalismo contemporâneo. Multidão contra império, os monstros contra os deuses (Hardt e Negri, 1999, 2005), Dioniso contra Apolo.

Nesse sentido, é muito mais próximo ao nietzscheísmo infernal de Deleuze que os dois pensadores se deslocam. A imagem do Anticristo que Deleuze evoca – em um magnífico texto sobre a influência de Nietzsche na obra de Klossowski – é justamente o do rebelde que se recusa a seguir o conjunto dos elementos identitários que tem em Deus o exclusivo fundamento e im do sentido da existência (Deleuze, 2006, p. 301). A negação em se manter como cópia, a insistência em se diferenciar ao “projeto original”, e a potencialidade de ampliar-se como proliferador de diferenças fez o diabo, pai das mentiras – ou promotor das verdades outras – ser combatido intensamente pelos defensores dos projetos homogeneizantes. Não porque queria tomar o poder, e impor-se como o imperador das trevas, mas devido à sua força libertária e combativa aos poderes instituídos (Onfray, 2001).

Para Deleuze, a força do Anticristo no pensamento, e nas lutas políticas e sociais para Hardt e Negri, não se faz presente pelo fato dele desgarrar os animais do rebanho promovendo a negativa exclusão e abandono da ovelha negra, culminando em uma pena perpétua de sofrimento e dor em um inferno dantesco. A exclusão se torna positiva quando ela assume-se como uma disjunção promotora de diferenças, divergências e descentramentos, ao tornarem-se como potências afirmativas e afirmadas (Deleuze, 2006, p. 305).

A intenção, na ilosofia de Deleuze, e que é possível apreender na diferenciação proposta por Hardt e Negri (2016) entre lutas emancipatórias e libertárias, é justamente a dissolução das identidades, dos sujeitos, dos corpos coletivos e políticos idealizados e idealizáveis. A qual, senão plenamente, mas radicalmente caótica¹, poderá promover um povoamento das superfícies pelos monstros, híbridos, anormais não-identificáveis, recusando, finalmente, a ter sua vontade submetida única e exclusivamente aos desejos de inclusão e igualdade em relação ao projeto identitário maior, não se preocupando mais com as alturas até então prometidas. Um reino das intensidades, e não mais das essencialidades:

A intensidade, sendo já diferença em si, abre-se sobre séries disjuntas, divergentes. Mas, precisamente, porque as séries não estão submetidas à condição da identidade de um conceito em geral e muito menos a instância que as percorre está submetida à identidade de um eu como indivíduo, as disjunções permanecem disjunções, mas sua síntese deixa de ser exclusiva ou negativa para assumir, ao contrário, um sentido afirmativo pelo qual a instância móvel passa por todas as séries disjuntas; em suma, a divergência e a disjunção tornam-se objeto de afirmação como tal (Deleuze, 2006, p. 307-308).

Nesse trânsito entre a defesa da identidade e a proliferação das diferenças, e na tênue linha que acaba por distinguir e mesclar as lutas emancipatórias e as lutas libertárias, talvez seja possível encontrar no diálogo proposto por Guattari, entre as ecologias virtuais e a ecosoia, algum dispositivo que, sem obstruir ou apagar as lutas identitárias, possa permitir seu desmantelamento positivo e afirmativo, permitindo que ampliem suas potências na construção de novas singularidades. Ou seja, por um lado, sem confundir as duas formas de luta e reivindicação. E

por outro lado, sem promover uma distinção binária típica da perspectiva platônica da filosofia ocidental, tão combatida por Nietzsche e Deleuze.

2. AS ECOLOGIAS LIBERTÁRIAS E AS PERSPECTIVAS ECOLOGISTAS EM EDUCAÇÃO

Não é somente uma ecologia natural, das relações físicas da humanidade e dos outros seres com as paisagens preservadas e com os recursos, que está ameaçada pelo que Guattari (1991) chama de Capitalismo Mundial Integrado. De acordo com o pensador francês, as próprias alteridades e singularidades humanas, coletivas e individuais, estão sendo constantemente dizimadas e, no mínimo, mergulhadas em um “morno infantilismo”, devido aos processos paranoicos impositivos de pseudo identidades (Guattari, 1992, p. 86). As quais são incapazes de enfrentar os dilemas que, nas sociedades contemporâneas, se tornam cada vez mais emergentes.

Consequentemente, as lutas identitárias que buscam exclusivamente o reconhecimento perante as instituições de poder e o direito a um ilão ou parcela das “benesses” oferecidas pelas sociedades contemporâneas, não são capazes também de enfrentar, em um amplo espectro, as múltiplas questões e desaios impostos pela predação e destruição que se alastram.

Para Guattari (1992), o enfrentamento a essa situação precisa passar pela transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos, sem, no entanto, resgatar ou evocar antigos valores de trabalho artesanal medieval, como izeram os ludditas, os movimentos hippies e mesmo atualmente, algumas perspectivas presentes na agroecologia e na permacultura. As cidades como principal foco de desterritorialização e produção de subjetividades, precisam ser entendidas como o local do exercício de resistência e de promoção de novas formas de vida, pois nelas as forças das “revoluções moleculares” serão capazes de desfazer, coibir ou minimizar ao extremo os males dos poderes molares.

As cidades são imensas máquinas – megamáquinas, para retomar uma expressão de Lewis Mumford – produtoras de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendrarem, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considerá-las. Daí a imensa importância de uma colaboração, de uma transdisciplinaridade entre os urbanistas os arquitetos e todas as outras disciplinas das ciências sociais, das ciências humanas, das ciências ecológicas, etc. (Guattari, 1992, p. 172).

As soluções meramente tecnocráticas tornam-se, para Guattari, simplórios paliativos no estancamento da sangria em que as sociedades humanas acabam por se encontrar na crise ecológica. As ecologias virtuais, generalizadas, agindo nas esferas políticas, produtivas, estéticas, éticas e analíticas, poderão, para Guattari, proteger tanto as “espécies ameaçadas da vida cultural” (Guattari, 1992, p. 116), como serem promotoras e criadoras de “subjetividades inusitadas”.

As artes, para Guattari, são as potencializadoras das resistências mais poderosas e pertinentes aos processos de subjetividade e segregação promovidas pelo Capitalismo Mundial Integrado, pois são capazes de colocar em movimento as novas ecologias, distantes das soluções tecnicistas das ciências duras propostas, por exemplo, pela noção de desenvolvimento sustentável e/ou pelo ecocapitalismo:

Uma ecologia do virtual se impõe, então, da mesma forma que as ecologias do mundo visível. E, a esse respeito, a poesia, a música, as artes plásticas, o cinema, em particular em suas modalidades performáticas ou performativas, tem um lugar importante a ocupar, devido à sua contribuição específica mas também como paradigma de referência de novas práticas sociais e analíticas – psicanalíticas em uma acepção muito ampliada. (Guattari, 1992, p. 116).

Guattari utiliza o exemplo do jazz, o qual, ao se alimentar de suas genealogias africanas, mas também estar constantemente se refazendo sob formas múltiplas e heterogêneas, evita uma cristalização e morte, e/ou, ao se reinventar por demasia, perder completamente os elementos primeiros que o construíram, tornando-se um estranho a si mesmo (Guattari, 1992, p. 118-119).

Essa perspectiva das ecologias virtuais, ecosóicas em sua posição política, éticas e estéticas, ao buscar promover os encontros necessários entre as três ecologias (natural, social e mental) como forma de pensar e exercer as necessárias transformações políticas, sociais, culturais e econômicas, necessita questionar as condições humanas contemporâneas. Entendendo como ecologicamente degradantes e barbáricas não somente a destruição das paisagens e recursos naturais, mas as relações abusivas, opressivas e excludentes que estão presentes no machismo, no racismo, na homofobia, na xenofobia, no espeismo.

E é nesse sentido que a ecosoia de Guattari, ao promover novas formas de sociabilidade, criações de singularidades e possibilidades de visualizar, entender e construir ecologias, influencia, potencializa e amplia o escopo teórico das perspectivas ecologistas em educação (Reigota, 1999, 2010, 2012, 2013; Barchi, 2012, 2014; Catunda, 2013), possibilitando o exercício de educação ambiental que não se limitem somente a fazer da questão ambiental uma temática de relevância e evidência nas sociedades contemporâneas, mas que possam promover exercícios de libertação e criação de novas ecologias, de forma não somente a impedir a cristalização – no pensamento e na prática – da ação pedagógica e ecológica, mas para manter fluido o seu fervor transformativo.

É preciso compreender as perspectivas ecologistas em educação em seu caráter associativo e colaborativo – e não fundador ou *sine qua non* – em primeiro lugar ao pensamento de Paulo Freire (Reigota, 2013). Pensar, a partir da perspectiva das filosofias da diferença, a colaboração do pensamento de Paulo Freire mais como associação do que como fundamentação, é uma ação que pode impedir a imposição das perspectivas freireanas como obrigatoriedade e condição de se propor a educação ambiental. Mais que fundamento, a educação libertária de Paulo Freire pode ser conectada às perspectivas ecologistas em educação

como potência e devir (Deleuze e Guattari; 1997). Devir-Freire nas educação ambientais, devir-ecologia na educação de Paulo Freire. Devir como tornar-se, vir a ser, potência de desterritorialização e criação do novo.

Nesse sentido, Reigota (2010, 2012, 2013) vem insistindo nas discussões sobre a contribuição do caráter dialógico do trabalho de Paulo Freire às educação ambientais, dando destaque principalmente à sua influência política e potência transformativa. Em toda sua obra, mais especialmente na *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987), Paulo Freire propõe uma quebra na burocratização e sedentarização dos currículos, de forma que eles possam ser construídos a partir das conexões dos saberes que os envolvidos e envolvidas no processo educativo carregam consigo.

A partir do diálogo que Reigota realiza com o pensamento de Paulo Freire, é possível, no âmbito das Perspectivas Ecologistas em Educação, reforçar a noção de que o conhecimento sobre meio ambiente e ecologia é menos monopólio das instituições escolares e científicas do que propriedade coletiva e comum das pessoas. E quanto mais as escolas insistirem no caráter impositivo e seletivo dos saberes, mais elas estarão contribuindo para que o processo educativo e formativo não seja mais que a ampliação do caráter desigual, predatório e barbárico das sociedades contemporâneas.

É aqui que Reigota (1999) propõe o encontro da Ecosoia de Guattari e a força dialógica do pensamento freireano, ao buscar em outras esferas do saber a ecologia como uma força discursiva, artística, ética, política e, tanto nas palavras de Guattari quanto nas de Freire, revolucionária, capaz de desconstruir, a partir do pensamento, ação e projetos coletivos de libertação e transformação, a opressão e o fascismo presente nas relações macro e micropolíticas do cotidiano.

As perspectivas ecologistas em educação, em sua recusa ao primado das identidades e dos fundamentos devido, em grande parte, à contribuição das filosofias da diferença (Godoy, 2008, 2009; Barchi, 2012), em sua associação ao pensamento de Paulo Freire, e no fortalecimento do caráter político, ético e estético de suas propostas, permite, de uma forma ou outra, que diversas disjunções e possibilidades sejam potencializadas e criadas a partir das relações entre a educação e a ecologia, e consequentemente, reforcem e ampliem suas ações.

É imprescindível, por exemplo, que seja feita a referência ao que vem sido desenvolvido pela noção das Ecologias Inventivas, promovidas pelo grupo Tecendo, no âmbito dos Estudos Culturais em interface com a educação ambiental. Duas coletâneas de textos nos últimos anos apresentam algumas das perspectivas ecologistas em educação, dissonantes aos jargões preservacionistas, salvacionistas e pastoralizantes de condutas. A primeira foi lançada em 2012 (Preve et al., 2012), trazendo a ecologia e a educação ambiental em diálogos com as filosofias da diferença, o pós-estruturalismo e os estudos culturais. A segunda, lançada em 2015 (Guimarães, et al., 2015), dá destaque ao diálogo com as artes, enfocando as relações entre ecologia, a experiência e as paisagens.

A abertura promovida pelas perspectivas ecologistas em educação, propondo as outras esferas do pensamento e da criação humana uma posição de igualdade – e não de subserviência à educação ambiental – permitem o diálogo que proponho fazer a seguir. Menos que propor a influência do pensamento e do movimento ecológico aos discursos e imagens proliferadas pelas bandas de *thrash metal*, o que se busca é a promoção de encontros, conexões e similitudes entre as educação ambientais e o gênero (anti) musical abordado.

A intenção é fortalecer outros espaços de criação e circulação, além das academias e dos movimentos sociais literalmente ecológicos, de ecologias outras e seus potenciais educativos. Apesar de ter surgido e proliferado a partir dos anos 80, quando as questões ecológicas já haviam entrado há muito no rol de preocupações dos governos e das Nações Unidas, as ecologias presentes no *thrash metal*, e nos outros gêneros daquilo que proponho chamar como música extrema, não foram única e exclusivamente produto do alarmismo ecológico naquele período, mas uma força de contestação, rebelião e dissenso aos parâmetros morais das sociedades ocidentais do final do século XX e começo do século XXI.

Ao recorrer à ecologia exposta pelo *thrash metal*, especialmente pelo trabalho do conjunto Nuclear Assault, visando ampliar as discussões teóricas das perspectivas ecologistas em educação com movimentos “menores”, “inversos” (Barchi, 2009) e à margem (Reigota, 2010), este ensaio pretende reforçar o caráter múltiplo, heterogêneo, dialógico e rebelde dessas perspectivas, já que a intenção é justamente abordar as contribuições do discurso ecológico do *thrash metal* às educação ambientais, e não o contrário, ou seja, algo como a ecologia contribuiu com a formulação dessas preocupações ambientalistas do metal. É um devir-*thrash*, um devir-metal, um devir-hea- dbanger, um devir-ruído, barulho, “sonzeira” das educação ambientais.

3. ECOLOGIAS THRASH: INFERNO CONTRA INFERNO

Apesar dos conjuntos que deixariam o rock mais rápido e pesado durante os anos 70, como Black Sabbath, Judas Priest e Motorhead, o Heavy Metal se espalhou como uma neblina, enxame, pandemia ou praga, principalmente nos anos 80, sendo que o movimento dessas bandas também espalharia o medo, já que levaria parte significativa de uma geração a recusar e blasfemar todas as referências sobre convivência, harmonia, salvação e aceitação sobre as verdades que lhes eram sugeridas.

A associação com diabo, realizada nos primeiros anos da década de 80 por bandas como Venom, Mercyful Fate, Hellhammer e Slayer, mostrou o quanto os headbangers queriam somente se livrar das amarras daquela moralidade policial e normativa sobre suas aparências, perspectivas de vida e sociabilidade. Tanto que as duas primeiras foram perseguidas e tiveram problemas com a Parents Music Resource Center (PMRC), a comissão fundada por Tipper Gore, esposa do ex-senador e ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, hoje conhecido também por suas iniciativas

de combate ao aquecimento global, tendo recebido prêmios como o Oscar (pelo documentário “Uma verdade inconveniente”) e o Nobel da Paz.

Essa comissão, formada por esposas de importantes políticos estadunidenses, buscou combater qualquer manifestação relativa à sexualidade, violência, álcool, drogas e ocultismo na música que entrava nos Estados Unidos. Diversos músicos e conjuntos dos mais diversos estilos musicais tiveram seus álbuns, senão proibidos, mas rotulados com o “Adesivo Tipper”, conhecido por estampar os dizeres Parental Advisory: Explicit Lyrics.

Houve também uma lista de 15 músicas, conhecidas como “As mais imundas”, as quais envolviam desde músicos pop, como Prince, Cindy Lauper e Madonna, passando por bandas rock e metal mais populares, como Judas Priest, Black Sabbath, Motley Crue, WASP e Twisted Sister. Nessa lista se encontravam também Venom e Mercyful Fate, sendo as duas as únicas acusadas de ocultismo/satanismo.

A onda de conservadorismo nos EUA, que se espalharia por alguns outros países europeus (Christe, 2010), prejudicou, em um primeiro momento, a venda dos discos das bandas e artistas envolvidos, já que muitas lojas se recusavam a vender ou escondiam o material que havia sido difamado pela PMRC. Por sua vez, e ao mesmo tempo, permitiu ainda mais sua popularidade, visto que sua exposição quase diária nas TVs, rádios e mídia impressa fez com que um número maior de pessoas simpatizasse com aquele movimento dissidente, promovido pelas bandas, gravadoras independentes, revistas e zines especializados e um público cada vez mais cativado e iel ao estilo.

O metal se expandiu, e diversas bandas se aceleraram e icaram mais pesadas. O próprio Venom, hoje, pode ser considerado como o principal responsável por essa rapidez e peso que o metal viria a ganhar nos anos 1980 e 1990. Tanto que ele pode ser considerado como o estopim que veio a criar o thrash metal, que se popularizou relativamente a partir de bandas estadunidenses, como Anthrax, Metallica, Megadeth, Slayer, Testament, Possessed, Metal Church, Death Angel e Dark Angel. A Alemanha também foi celeiro de muitos conjuntos desses estilos, sendo os mais emblemáticos conjuntos como Destruction, Sodom, Kreator e Tankard. No Brasil, o thrash metal também concebeu diversas bandas, como o Sepultura, Overdose, Dorsal Atlântica, Korzus, Torture Squad, e mais recentemente, Violator e Nervosa, entre centenas de outros conjuntos.

Mais do que realizar evocações ao diabo, reproduzir missas negras ou cantar sobre as hierarquias do inferno, os conjuntos de thrash metal sempre buscaram, em suas capas e composições, abordar temas como o apocalipse, a morte, a contaminação radioativa, a proliferação de doenças e epidemias globais, as guerras, as desigualdades sociais, a violência urbana, a exploração dos países pobres, entre outras temáticas políticas e sociais.

Um exemplo está no quarto álbum de estúdio do Sepultura, chamado Arise, de 1991. De uma banda satânica nos dois primeiros discos gravados em 1986 e 1987, o Sepultura passou também a bradar o apocalipse, o genocídio, o holocausto, e as possibilidades de vida sobre o planeta após uma hecatombe nuclear. Na composição, Dead Embryonic Cells, faixa do

mesmo álbum, a morte e o holocausto viriam a partir da disseminação das pragas criadas em laboratório, que se espalhariam em forma de pandemias irreversíveis, complementando a tragédia promovida pelos conflitos tribais e entre as nações:

*Laboratory sickness
Infects humanity
No hope for cure
Die by technology
A world full of shit coming down
Tribal violence everywhere
Life in the age of terrorism
We spit in your other face*
(Sepultura, 1991).

Mas, nenhuma delas viria a se destacar por uma perspectiva social e ecologicamente posicionada de modo tão enfático e anárquico como os nova-iorquinos do Nuclear Assault. Formado por volta de 1984, lançou seu primeiro álbum em 1986. Sua constante crítica ao uso de armas nucleares, à indústria bélica, a promoção de conflitos, à destruição ambiental e à desigualdade social se aproximava mais da temática sugerida pelas bandas de punk, hardcore e grindcore, mas sob uma sonoridade que se aproximava muito mais dos blasfemadores satânicos do Slayer, do Venom ou dos suíços do Hellhammer. Por sua vez, o Nuclear Assault é admirado tanto pelos bangers quanto pelos punks libertários. Foi uma das primeiras bandas que promoveu em sua sonoridade e perspectiva política, o encontro do Metal com o punk, que também teria ressonância no som grindcore que os britânicos do Napalm Death exerceriam.

Seus três primeiros discos, lançados entre 1986 e 1989, tinham em comum as capas que abordavam especificamente o perigo promovido pela expansão da energia nuclear e seus possíveis efeitos nocivos às pessoas e ao planeta. Estampadas em camisetas, jaquetas, calças e bonés dos headbangers em shows, e no próprio cotidiano – já que os headbangers, em grande parte, não só somente em shows, mas fazem questão de ser diariamente – as imagens das capas fazem com que a perspectiva circule e se amplie, não somente nos locais específicos dos encontros dos bangers, mas também ao redor do globo, influenciando inclusive, a formação de outras bandas, com a mesma temática e estilo.

Só no Brasil, o Nuclear Assault influenciaria bandas de thrash como Bywar, Blastrash, Sepultura (que é contemporâneo ao Nuclear Assault, mas também influenciado, assim como exerce influência), Korzus, Dorsal Atlântica, Attomica, Overdose, Violator, Torture Squad, as meninas da Nervosa, entre outras.

Vale frisar que, essa influência não se deu no esquema centro-periferia só pelo fato da banda ser estadunidense. Os contatos entre as bandas, que ainda era feito por cartas, e a circulação dos discos, promoveu uma afetação simultânea – para usar a terminologia foucaultiana-deleuziana de afeto – que promoveria uma construção política e musical que caracteriza a cena thrash metal até hoje. Uma evidência saliente dessa construção simultânea, globalizada e não hierárquica, é o vídeo clip Critical Mass,

do Nuclear Assault, gravado em 1989, em que o guitarrista Anthony Bramante está usando uma camisa do disco Schizophrenia do Sepultura, lançado em 1987, bem antes de a banda ter se popularizado no cenário internacional.

A capa do primeiro disco do Nuclear Assault, chamado Game Over, representa a explosão da bomba atômica em Hiroshima, com uma capa avermelhada e amarela, em cujo lado esquerdo está a cúpula Genbaku, único edifício em pé na cidade após a explosão. Na parte de baixo do desenho de capa, pessoas correndo, mas caracterizadas como zumbis.

O segundo lançamento do Nuclear Assault foi um EP com quatro músicas, chamado The Plague, lançado em 1987, cuja capa faz referência à explosão da usina nuclear de Chernobyl (cujo reator derreteu, gerando uma explosão e vazamento de partículas radioativas por toda a Europa, em abril de 1986), mostrando em primeiro plano uma pessoa vestida com roupa de proteção nuclear, tendo ao fundo uma usina nuclear pegando fogo.

No terceiro lançamento da banda, chamado Survive, de 1988, na capa são mostradas duas torres de centrais nucleares lançando fumaça. Uma grande caveira com chifres demoníacos aparece no meio da fumaça. E na contracapa, os integrantes da banda estão carregando uma maquete de bomba. E no quarto lançamento, intitulado Handle With Care, a capa traz uma foto do planeta Terra, carimbada com o nome do disco, aludindo a cada vez maior fragilidade do planeta.

Uma das composições mais emblemáticas nesse sentido, After the Holocaust (Depois do Holocausto) compartilha um cenário apocalíptico irreversível, trazendo os humanos como zumbis mutantes deinhando e se rastejando em cidades queimadas, em uma nova era sombria e nebulosa:

*Fires burning cities down Your whole world's destroyed
Mutants crawl out from the ruins To put you to the sword
Poisoned air in darkened skies Flows across the land
Fear and pain they breed despair A new Dark age is at hand* (Nuclear Assault, 1986a)

Em Radiation Sickness, a voz aguda do vocalista John Connolly se assemelha aos berros de um pequeno demônio, rindo da condenação da humanidade após o holocausto, de sua dor, de seu desespero, de sua profunda falta de perspectivas. Nesse cenário apocalíptico, os abrigos nucleares não são capazes não só de conter a radiação, mas também de dar conta da fuga e do esconderijo perante o inimigo invisível da radiação:

*Shelter Deep
Run and hide
There is no help
You will die*
(Nuclear Assault, 1986b)

O discurso direto e brutal do Nuclear Assault permeia quase todas as composições, expondo a possível condição futura do planeta conforme o ponteiro do relógio nuclear avança em direção ao número doze. Sem dar espaço a qualquer momento de esperança – ou mesmo propor qualquer possibilidade de transformação dessa tendência catastróica (Reigota,

1999a) – a educação e a ecologia presentes na fala fatalista do Nuclear Assault apresentam, de maneira até muito mais evidente que as bandas satânicas de black metal, a condição infernal, o mundo em chamas, o im do que restava do equilíbrio ambiental, a total perda da retomada do paraíso, o mundo tomado pelos zumbis.

*The forests are gone and the ocean destroyed
The world we once knew now is dead
The animals slaughtered, wild life in its grave
The sun burns too bright overhead
Cities collapsing and famine runs rampant
A nightmare where once there was life
Radiation and toxins a part of the children
Who will hate us until they die*
(Nuclear Assault, 1989a)

A ecologia que se apresenta de modo evidente e direto em suas canções propõe um entendimento tanto do apocalipse vivido pelas sociedades em guerra total, como no caso da Europa e da Ásia durante a Segunda Grande Guerra, quanto um hipotético cenário global de destruição caso houvesse a consumação das tensões vividas nos anos 1980 devido à Guerra Fria.

Mais do que propor e sugerir condutas pelas quais a salvação dessa catástrofe pudesse ser possível, o Nuclear Assault – assim como outras bandas thrash metal que seguiram a mesma linha de raciocínio, como os alemães do Sodom e do Kreator – promoveu um mergulho nesse apocalipse, em uma ecologia invertida, a qual, ao invés de prometer um mundo maravilhoso de cidades arborizadas, rios limpos, ar puro e esquilos correndo pelo quintal e pelos jardins, faz com que os futuros condenados apenas aproveitem os seus últimos momentos sobre o planeta se preparando antecipadamente para o caos sonoro das bombas, das metralhadoras e dos incêndios, os quais, transformados em som metal, permitem que esse apocalipse seja aproveitado nas danças caóticas nas rodas e no chacoalhar constante das cabeças.

É uma das inversões possíveis a uma educação ambiental que se quer pastoral e normativa. A qual busca trazer de volta o paraíso perdido, a partir da imposição de uma série de condutas religiosamente definidas, compartilhadas, exercidas coletivamente, em uma série de esforços e sacrifícios exigidos para que a salvação torne-se possível, tal qual era o sacrifício exigido dos cristãos para salvar sua alma. A imagem do educador ambiental na posição do pastor das almas guiadas rumo à redenção ecológica pode ser evidenciada a partir do momento em que as atividades de educação ambiental concentram-se na redução de água, de energia, na reciclagem, e na satanização das sacolinhas plásticas.

A inversão educativa da ecologia, na (anti)música das bandas thrash metal, está em dançar sobre o caos, em gritar, beber, fazer o símbolo do diabo com as mãos, em correr em rodas e balançar as cabeças, se apropriando do caos sonoro e nuclear para vestir a pele do diabo que dançará sobre a superfície do planeta após o holocausto. Não aprender mais ecologia e mantê-la intocada, mas formar-se de modo que os corpos estejam preparados para aguentar a total falta da ecologia. Adaptar o

corpo ao ambiente e transformar-se no demônio que habitará o inferno, preparar a vida do diabo em seu ambiente mais do que natural.

Uma pedagogia infernal que vê na ecologia justamente o ensinamento de como se adequar da melhor maneira ao caos. Talvez, o pouco de esperança de vida que reste e resista, esteja somente na própria dança, na roda, no grito, no ruído. Assim como Catunda sugere em relação à importância do ruído na vida tribal, seja no compartilhamento e na vivência desse barulho que uma ecologia de relações sobreviva:

Talvez o exercício mais importante das sociedades tribais não seja fazer prevalecer o caráter sagrado do ruído, mas a própria ação ruidosa dos comandos de dança e canções tribais do cotidiano, guerra de pios (imitação de pássaros para emboscada do inimigo invasor ou, para o mapeamento da caça por simulação) com sua cadência marcante, seu ritmo pulsante tem a função de fazer perpassar pelo som a própria vida, como vibração molecular. (Catunda, 2013, p. 230).

Uma ecologia de resistência, visto que a vida, para aguentar essa condição das profundezas trazidas à tona, espalhadas rizomaticamente e de maneira intensiva por toda a superfície, deverá preparar o corpo e o espírito para suportar, o máximo possível, a essa condição calamitosa, catastrófica e infernal.

Resistente, também, por manter uma perspectiva libertária e anárquica, pois aponta para os dois principais vetores da educação ambiental e da preocupação ecológica, que são o Estado/Capital e as religiões, como os responsáveis diretos pela instauração desse inferno desenhado. Em Nuclear War, o diabo libertário grita alto contra seus inimigos:

*Millions dead/ More on the way
What is worth this cost/ For your god
And country/ You'd destroy the world
It is madness/ To believe
That you can survive/ Take my word
You'd rather not/ It's better just to die*
(Nuclear Assault, 1986c).

Na condenação ao Estado, ao Capital e às religiões, o diabo libertário e ecológico, não dita o que pode e o que não pode, o que deve ou não deve ser feito, e muito menos o caminho a ser trilhado. Se só resta ao ouvinte e ao headbanger no show, a condenação, a morte, o holocausto, então nada melhor que comemorar essa morte do modo que melhor vier à mente. Ele escolheu gritar, dançar em roda, balançar a cabeça, evocar o diabo.

4. COMO VIVER APÓS O HOLOCAUSTO? LIÇÕES THRASH METAL...

Esse clamor da morte e o discurso hecatômico das bandas de thrash metal mostram o pessimismo e a desesperança no que diz respeito ao futuro da humanidade e do planeta. Isso como futuros pré-definidos, datados e pontos finais do processo evolutivo, em que os humanos se manterão perfeitos eternamente até o fim dos tempos.

E é uma perspectiva que se espalhou ao redor do planeta, principalmente entre os jovens bangers que se mostram apreciadores e, ao mesmo tempo, integrantes das bandas. Perante essa perspectiva, se aliar aos grupos que compartilhavam esse desencanto fez com que legiões descentralizadas, autônomas e nômades se espalhassem ao redor do planeta com seus cabelos compridos, roupas surradas e pretas marcadas por símbolos da morte. A resistência ao assédio da religião, da conduta corporativa, do Estado e das construções coletivas institucionalizadas e sedentárias.

O culto à morte como resistência à morte, e não somente física, mas a morte como possibilidade de uma criação de formas de vida baseadas no barulho e no movimento. A referência ao diabo como uma potência de recusa à força e ao poder pastoral. Ser capaz de viver sem o catecismo institucionalizado das escolas e das comunidades eclesiásticas, que prometem o paraíso, quando na verdade estão promovendo o inferno. Destituir a exclusividade das instituições hierarquizantes neurotizantes no processo pedagógico.

A educação, no thrash metal, é força transversal, que simultaneamente atravessa e é transpassada pela iniciativa DIY (Do It Yourself, ou Faça Você Mesmo), a partir do momento em que se busca aprender um instrumento, se esforça em conhecer pessoas com as mesmas afinidades, interpretar as capas e letras das composições, aprender outras línguas para traduzir e conhecer as composições.

Permite que o discurso ecológico, principalmente em uma perspectiva de pensar a vida perante uma eminente morte, se construa não mais como uma utopia assediadora das consciências, condutas e modos de convívio, mas como um exercício escatológico de pensamento diante do im. Não de conformação e resiliência perante a tragédia, mas de resquício de luta e militância contra a violência, a barbárie e a morte anunciada.

Se não intencionasse ser educativo, didático e pedagógico, não haveria um videoclipe, como o de Critical Mass, que convida quem está assistindo a, literalmente, cantar junto. A legenda com a letra da composição corre durante o vídeo todo, com uma bolinha pulando sobre cada palavra cantada, como se fosse um programa infantil musical educativo, que chamassem às crianças a fazer um coro, como forma de aprender a língua materna, a lavar as mãos ou o nome das capitais dos estados brasileiros. Além disso, uma série de imagens aparece durante todo o videoclipe, junto à banda tocando, mostrando florestas destruídas, vazamentos de óleo, bombas atômicas e bonitas moças de roupas curtas e justas, em uma nítida alusão e zombaria ao apelo das TVs contemporâneas.

Another oil spill

Atomic waste displace

Another Forest dies

(Nuclear Assault, 1989b)

Em uma perspectiva libertária, inversa e disjuntiva, as principais lições “ecológicas” que o thrash metal possa ter deixado – e continua deixando através do contínuo lançamento de álbuns e composições por parte das bandas do estilo, em grande parte influenciadas por Nuclear Assault – não

estão no alarmismo em relação ao im do mundo, ou na lamentação pela tragédia que se avizinha, ou na imposição de novos estilos de vida menos predatórios e barbáricos. Apesar da presença constante desses enunciados nos desenhos de capas e nas letras, não há um “tele-evangelismo” ecologista (Viveiros de Castro e Danowski, 2014), promotor de novos mundos aprimorados pós-apocalípticos, ou mesmo, salvacionismos post-mortem para os bons e dedicados fiéis.

Provavelmente, de acordo com Viveiros de Castro em entrevista a Eliane Brum, a principal lição seja justamente a como se vive depois do apocalipse. Ecologias post-mortem, ecologismos zumbis, ambientalismos vampirescos. A sugestão de que diversos mundos já foram destruídos, e as pessoas continuam a viver, mesmo depois de terem suas culturas, comunidades, paisagens e relacionamentos desintegrados após processos de colonização e/ou roubo de terras, como os índios, os pobres e os negros, só é passível de ser pensada nas perspectivas de atores que foram obrigados a se transmutar e viver em uma condição constantemente mestiça (Brum, 2014).

As ecologias do thrash metal acabam por contribuir com as perspectivas ecologistas em educação do mesmo modo com que talvez os índios, “especialistas em im do mundo” (Brum, 2014), possam nos ensinar a viver em um mundo pior. Nesse sentido discurso catastrofista no thrash metal é ecologista por ser mais que um grito, um aviso, mas uma potência de se transformar perante o horror, à barbárie, de forma a combatê-la, evita-la, esmaga-la. Longe de ser um anúncio messiânico, chamando ao arrependimento e à conversão perante o im, mas um alerta ecológico, virtual pela desconstrução e nômade reconstrução ética, estética e política que se visualiza nos horizontes.

Talvez o “pessimismo alegre” de Zourabichvili (2009), para designar a militância, perante o caos, de Deleuze e Guattari, que também é evocada por Viveiros de Castro (2014) ao se referir aos índios, aos povos do sertão brasileiro, das favelas e das outras camadas mais pobres da população, sirva também para entendermos a energia, a vibração e as rodas dos shows das bandas thrash metal. Não é porque o mundo irá acabar, que não se possa dançar, berrar, tocar, ou promover novas ecologias de resistência, libertárias, nômades e singulares, capazes de educar fora, além e marginalmente ao que se insiste em identificar como educação.

Referências

- Barchi, R. (2009) Contribuições inversas, perversas e menores às educação ambientais. *Interações*, Lisboa, 5 (11), 174-192.
- Barchi, R. (2012). Uma ecologia do caô: diálogos entre a ilosoia cínica e as perspectivas ecologistas em educação. In: Ana Maria Hoepers Preve [et al.] (org.). *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.
- Barchi, R. (2014). Entre a atividade política e a ação policial: sobre a institucionalização das relações que envolvem a educação e o meio ambiente. *Pro-Posições*, Campinas, 25 (3), 229-247.

- Brum, E. (2015). Diálogos sobre o im do mundo. *El País*, 29 sep. 2014 (Entrevista com Eduar- do Viveiros de Castro e Déborah Danowski. Recuperado em: . Acesso em: 05 março. 2015.
- Catunda, M. (2013). A, B, C de encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2013. (Tese de doutorado)
- Christe, I. (2010). Heavy Metal: a história completa. Trad. Milena Durante e Augusto Zantoz. São Paulo: Arx: Saraiva.
- Deleuze, G. (2006). Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva.
- Deleuze, G., y Guattari, F. (1995). Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. (Vol. 1). Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed 34.
- Deleuze, G., y Guattari, F. (1997). Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. (Vol. 5). Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34.
- Freire, P. (1987). Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Godoy, A. (2008). A menor das ecologias. São Paulo: Edusp.
- Godoy, A. (2009). Educação, meio ambiente e subjetividade na sociedade de controle: por uma ética dos afectos. *Interacções*, 11 (5), 8-28.
- Guattari, F. (1991). As três ecologias. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus.
- Guattari, F. (1992). Caosmose: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34.
- Guimarães, Leandro Belinaso et. al. (orgs) (2015). Ecologias Inventivas: experiências das/nas paisagens. Curitiba: CRV, 2015.
- Hardt, M., y Negri, A. (1999). Império. Trad. Clóvis Marques. São Paulo: Record.
- Hardt, M., y Negri, A. (2005). Multidão. Trad. Clóvis Marques. São Paulo: Record.
- Hardt, M., y Negri, A. (2016). Bem-Estar Comum. Trad. Clóvis Marques. São Paulo: Record.
- Nuclear Assault (1986a). Ater the Holocaust. In: NUCLEAR ASSAULT. Game Over. Under One Flag.
- Nuclear Assault (1986b). Radiation Sickness. In: Nuclear Assault. Game Over. Under One Flag.
- Nuclear Assault (1986c). Nuclear War. In: NUCLEAR ASSAULT. Game Over. Under One Flag.
- Nuclear Assault (1989a). Inherited Hell. In: NUCLEAR ASSAULT. Handle With Care. Under One Flag.
- Nuclear Assault (1989b). Critical Mass. In: NUCLEAR ASSAULT. Handle With Care. Under One Flag.
- Onfray, M. (2001). A política do rebelde: Tratado de resistência e insubmissão. Trad. Mauro Pinheiro. São Paulo: Rocco.
- Preve, A. [et al.] (org.) (2012). Ecologias inventivas: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Reigota, M. (1999). Ecologistas. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Reigota, M. (2010). A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. *Teias* 11 (21). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Reigota, M. (2011). Educação Ambiental: Normatividade, singularidade e política. In: SÚCCAR, Shafia Súcar (coord.). *Visiones Iberoamericanas*

- de la educación ambiental em México: Memórias del Foro Tbilisi =31. Guanajuato: Universidade de Guanajuato.
- Reigota, M. (2012). Educação ambiental: a emergência de um campo científico. In: Perspectiva. Florianópolis: UFSC, 30 (2).
- Reigota, M. (2013). Afection, environmental education and politics: Encounters with Nita and Paulo Freire. International Journal of Critical Pedagogy, 5 (1).
- Sepultura. Dead Embryonic Cells (1991). In: SEPULTURA. Arise. Roadrunner Records.
- Viveiros de Castro, E., y Danowski, D. (2014). Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os ins. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto SocioAmbiental.
- Zourabichvili, F. (2009). O vocabulário de Deleuze. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume- Dumará.